

ESPORTE CLUBE DE PATOS - 80 ANOS DE FUNDAÇÃO, ORIGEM E EXISTÊNCIA

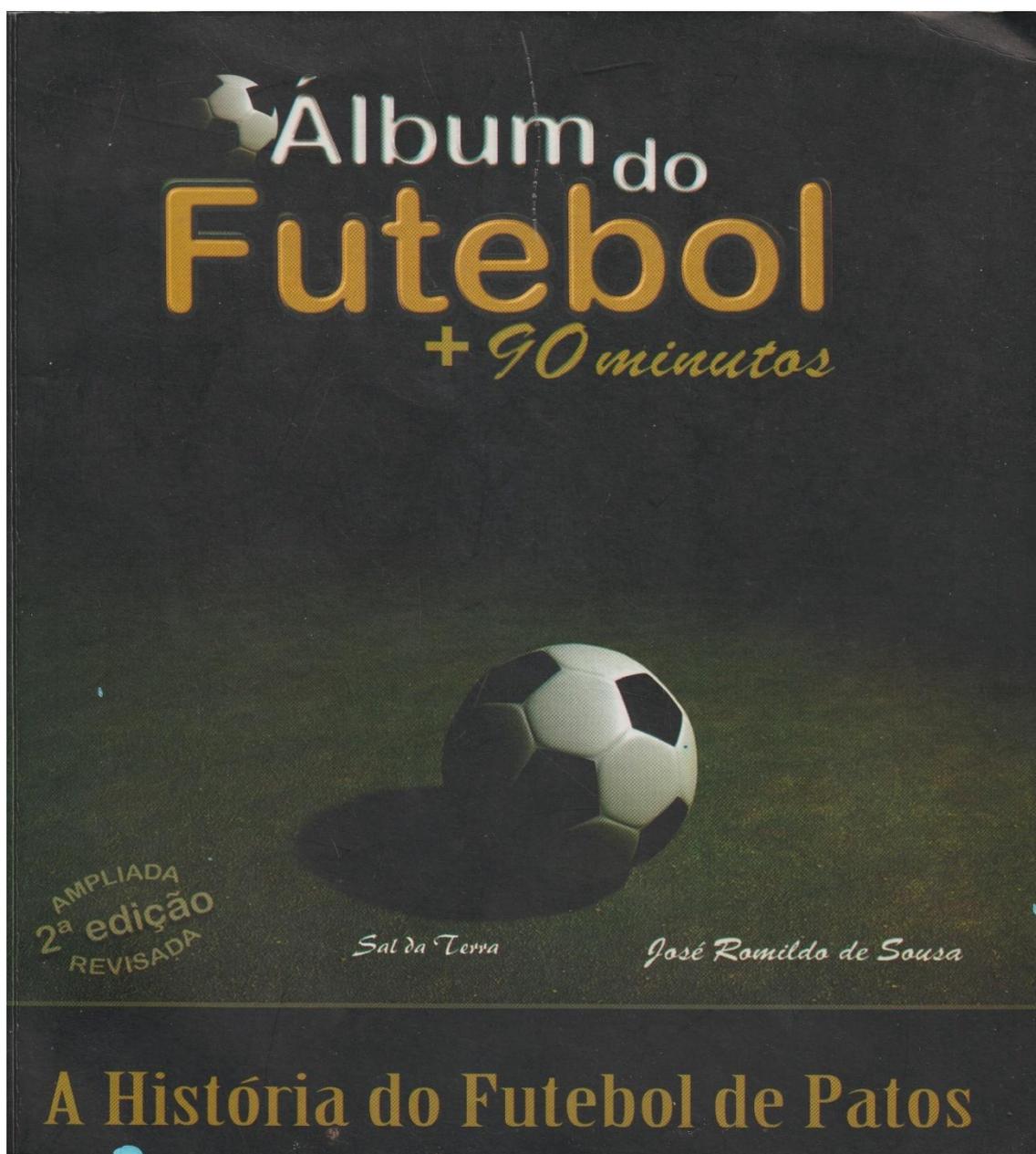
Prof. Dr. Mário de Miranda Vilas Boas Ramos Leitão



Patos – julho de 2025

INTRODUÇÃO

A verdadeira história sobre a origem e a existência do Esporte Clube de Patos, que aqui será descrita, a qual já tem 80 anos de duração e muita tradição, na realidade é desconhecida, não apenas por muitos desportistas de Patos e da Paraíba, mas também da grande maioria dos torcedores alvirrubros. No entanto, essa história, está muito bem documentada na 2ª edição, ampliada e revisada do livro “Álbum do Futebol de Patos + 90 minutos – A História do Futebol de Patos, de autoria do amigo José Romildo de Sousa, publicado em 2008.



Por outro lado, visando complementar essa briosa história, em função dos conhecimentos obtidos ao longo minha vida, tomei a liberdade de acrescentar alguns comentários objetivando melhorar, esclarecer e ilustrar essa fantástica e grandiosa história do futebol de nossa querida cidade de Patos, em particular em relação ao meu time do coração, desde quando eu tinha 6 anos de idade e comecei a gostar de futebol, o Esporte Clube de Patos. Porém, gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer, que apesar de ter uma imensa paixão pelo Esporte, sou um ferrenho torcedor do futebol de Patos. Inclusive, na minha juventude, na década de 1970, quando o Nacional era treinado pelo saudoso e inesquecível Virgílio Trindade e tinha em seu elenco grandes craques: Messias, Teomar, Levi, Diouro, Clóvis, Tico e tantos outros, eu fui jogador do Nacional Atlético Clube. Acredito que sabia jogar, fui inclusive em 1972 bicampeão amador pelo Nacional. Portanto, em resumo, eu gostaria de dizer que somente torço contra o Nacional, quando ele joga contra o Esporte.

Também, é importante mencionar que apesar de gostar muito de jogar futebol, desde criança, eu sempre tive um objetivo muito bem claro e definido em relação ao meu futuro: estudar e me tornar um profissional na área da meteorologia. Isso foi algo que incorporei como uma missão a ser cumprida por mim, desde uma certa segunda-feira do mês março (dia da feira de Patos) no ano de 1958. Ou seja, neste ano ocorreu uma das mais severas e danosas secas registradas no Nordeste, em todo século passado. Os efeitos terríveis e avassaladores desta seca de 1958, que trouxe com muita fome e grande sofrimento do povo nordestino, levou nossos conterrâneos habitantes das zonas rurais de Patos e cidades circunvizinhas mais carentes, a se concentrarem na antiga Praça João Pessoa, hoje Praça Edivaldo Mota e saquearem a Cooperativa dos Funcionários do DNER. Como eu morava a duas casas da referida cooperativa, eu presenciei todo esse acontecimento triste, o qual mesmo depois de 67 anos, ainda continua muito vivo e nítido na minha mente.

Em relação a esse evento, uma das coisas que mais me chamou a atenção e me sensibilizou profundamente, foi o fato de que, apesar de nas dependências daquela cooperativa ter vários outros produtos, inclusive produtos até melhores a meu ver, aqueles camponeses, somente levaram o que lá havia de alimentos: feijão, arroz, farinha, fubá, leite, café, açúcar, bolachas, biscoitos etc. Em resumo, esse evento mexeu tanto com a minha sensibilidade, que mesmo eu sendo ainda uma criança, com apenas 6 anos de idade, achei que deveria tentar estudar de forma mais aprofundada, os fenômenos que causam as secas e as chuvas no semiárido nordestino. Deste modo, desde jovem busquei estudar e me aprofundar sobre os conhecimentos relacionados a área da meteorologia, agrometeorologia, micro meteorologia e hidrologia. Em função de ter levado essa missão a cabo ao longo dos meus 73 anos de idade, sou atualmente, o único brasileiro que tem toda sua formação acadêmica/profissional em meteorologia: sou técnico em meteorologia, bacharel em meteorologia, mestre em meteorologia e Doutor em Meteorologia. Já fiz várias pesquisas nestas áreas, sou professor Universitário há 43 anos, fui representante do Brasil na Organização Mundial de Meteorologia, fui Coordenador do Laboratório de Meteorologia Recursos Hídricos e Sensoriamento Remoto da Paraíba – LMRS-

PB. Atualmente sou professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco, com atuação nos cursos: Graduação em Engenharia Agrícola e Ambiental, Mestrado em Engenharia Agrícola e Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, bem como sou Coordenador do Laboratório de Agroclimatologia e Meteorologia da UNIVASF.

FUNDAÇÃO DO BOTAFOGO CLUBE

Antes de falarmos do Esporte Clube de Patos, é necessário conhecermos um pouco da História do Botafogo Futebol Clube de Patos – apelidado de Botafogo de Inocência. O Botafogo foi criado no ano de 1945 e no ano seguinte, em 1946, foi inscrito na Federação Paraibana de Futebol. Escalação do time do Botafogo em 1945 - **em pé**: Gerson, Lourival, Zezé Buchudo, Edite Lira, Diá, Ciçola e Nego Adelson; **agachados**: Juvenal, Otacílio Divino, Didi Barros e Souto Maior (ver foto abaixo).



A foto a seguir, mostra o Botafogo Futebol Clube de 1946, o mesmo Botafogo Futebol Clube que já existia desde 1945, o qual a partir desse ano, passou a ser chamado de Botafogo de Inocência. Portanto, o Botafogo Futebol Clube fundado em 1945, filiou-se a Federação Paraibana de Futebol no ano de 1946, e em 07/07/1952, teve o nome mudado para **Esporte Clube de Patos**. Portanto, conforme pode ser observado nos textos a seguir, pelas próprias declarações de Inocêncio de Oliveira, em 07/07/1952, houve apenas a mudança do nome Botafogo para Esporte e das cores alvinegra para alvirrubra. |Deste modo, de fato e de direito o Esporte Clube de Patos já existe desde 1945, como Botafogo Futebol Clube de Patos. Portanto, a equipe alvirrubra de Patos, já tem 80 anos de história e tradição. Logo é a mais antiga do Sertão paraibano. Ou seja, não é o Atlético de Cajazeiras a equipe de futebol mais antiga do Sertão da Paraíba, ele foi fundado no ano de 1948.

Pode ser claramente observado, na foto do Botafogo F. C. de 1946, apresentada a seguir, que o uniforme é o mesmo de 1945. Porém, como em 1946, havia mais recursos disponível e Inocêncio Oliveira fez de sua casa uma espécie de hotel para hospedar os jogadores vindos de outras cidades, o elenco ficou reforçado e mais forte, com vários jogadores de fora de Patos no elenco: Teixeira (1), Coremas (1), Taperoá (4) e Campina Grande (5). Escalação do Botafogo de 1946 - **em pé**: Napoleão, Coremas, Bertim, Juvenal, Fiá, Josias, Ruivo, Zuca, Gustavo e Nego Torona; **agachados**: Chedó, Félix Pacaia, Zé Bom, Osvaldo e Adelson; deitado: Zezé Buchudo.

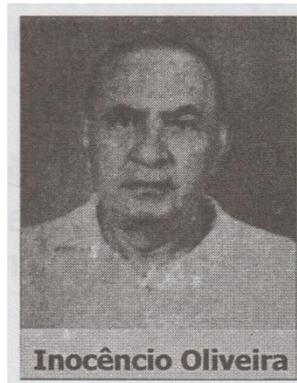


E SURGE O BOTAFOGO DE INOCÊNCIO OLIVEIRA

Em 1946, surge o decantado Botafogo Futebol Clube, o Botafogo de Inocêncio Oliveira, o imbatível escreta do sobrado de Tobias Medeiros (prédio onde funciona hoje o Banco Real), que proporcionou tantas alegrias à torcida patoense no Campo do Estrela (onde é hoje o Estádio Municipal José Cavalcanti) e que, inclusive, permaneceu invicto por quase sete anos, escrevendo durante este período uma das páginas mais bonitas da história do futebol sertanejo.

Em entrevista concedida em 1974 ao Jornal O SERTÃO, fundado pelo ex-deputado Gilvan Freire, Inocêncio Oliveira, lembrando a trajetória do seu Botafogo, foi categórico em afirmar: "Se fosse hoje Patos seria o eterno campeão paraibano".

O DEPOIMENTO DE INOCÊNCIO OLIVEIRA



No ano de 1976, garimpendo subsídios para enriquecer a historiografia patoense, estivemos na Rua 18 do Forte, local onde Seu Inocêncio Oliveira se recolheu até o final dos seus dias, e colhemos dele valioso depoimento sobre a sua participação no futebol de Patos.

Narra Seu Inocêncio que "em 1946, estava eu em minha casa jantando, sete horas da noite, quando chegaram duas pessoas. Me chamaram. Quem é que está aí? É Souto Maior e Zé Balbino. Convidei para jantar. Não pode jantar, você vai acolá com a gente. Eu tava doente neste tempo escorado num pau. Eu terminei a janta e saí. Que é que há? É prá você ir acolá com a gente. Aonde? A luz não tem. Tava no escuro. E eu tô muito doente escorado num pau por aqui. Não, mas nós vamos assim mesmo. Eu fui com eles. Quando cheguei me jogaram naquele sobradinho onde foi o corte de carne de Patos, na praça João Pessoa. Aí subiram comigo. Quando cheguei lá em cima estava repleto de gente. Uma mesa cheia de pessoas. Aí me mandaram sentar na cabeça da mesa. Aí eu me sentei. Lá estavam presentes algumas pessoas que eu ainda me recordo: tava Souto Maior, Caetano Marinho, Luiz Marinho, Adauto Santos, Severino Lustosa e muitos outros. Então eu me sentei. Aí disseram: o senhor já é o presidente do Botafogo de Patos. Eu disse: eu não posso aceitar isso, pois sou um homem que vivo muito doente e não tenho mais forças para isto.

Mas você é, queira ou não queira o presidente do Botafogo de Patos. Dada esta imposição eu tive que aceitar mesmo sem poder e sem querer. E como eu já tinha sido jogador de futebol na minha terra Taperoá...

Então fiquei sujeito a opinião deles porque não podia faltar a tantos amigos, achei feio dizer que não aceitava. Então disse eu para eles: Futebol os senhores sabem o que é? É preciso se gastar muito dinheiro. Não é com pouca coisa não, senhores, que se faz futebol. Então eu meti a mão na minha carteira e puxei um conto de réis, que naquele tempo era dinheiro. Outro puxou outro conto de réis, outro puxou quinhentos, um duzentos... E aí nós fizemos uns dois contos e oitocentos. No outro dia fui lá no campo do Estrela e fui obrigado a fazer cercas e ajeitar as coisas. Fui obrigado a fazer da minha casa um hotel para jogadores de futebol. Tinha um de Teixeira, um de Coremas, que é o nego Coremas, tinha quatro de minha terra, tinha cinco ou seis de Campina Grande. Dentro de minha casa tinham almoço, janta e ceia, boas conversas e dinheiro para quando queria bardiar.

Aí fui trabalhar pra fazer o futebol. Desse povo todo dentro da minha casa somente um deu para o primeiro quadro (Nego Coremas) os outros foram para o segundo quadro e não deu nada. Então comecei a fazer a seleçãozinha, eu mesmo apitava, eu mesmo treinava o time, não admitia opinião de ninguém lá, porque só faz atrapalhar e eu tinha mais ou menos intuição para o negócio.

Comecei a treinar o time. Tinha muitos rivais aqui: como o CICA tinha o BRASIL, onde era chefiado pelo meu amigo, grande craque Araújo. Então eu fiquei treinando meu time, sem jogar com ninguém. Quando estava mais ou menos, havia essa grande rivalidade dos outros clubes contra o BOTAFOGO, mas que depois resultou e tudo que era bom veio prá cá. Então eu consegui a seleção que eu desejava. Essa seleção era composta de Zezé, Urái e Biu Porto, Totinha e Adelson, Mané de Ferro, Josias, Araújo, Ruivo, Zuca e Biu Porto. Então eu fiz a minha seleção. Bati todos da minha cidade. Inclusive o CICA, que era o mais forte adversário. Depois o França esteve por aqui, passou uns dez ou quinze dias para nos ajudar em alguma coisa que ele era também técnico do Coremas.

Então começamos: veio um convite do Treze para jogarmos aqui, então França prontificou-se, passou uns dez dias aqui ou mais ou menos aí, conseguimos jogar com o Treze e conseguimos vencer o jogo por 6x5. Vitória espetacular! Dado isto o França foi embora cuidar lá do time dele (Coremas), preparou o time dele e mandou um ofício convidando para jogar comigo aqui. Eu então disse a ele que aceitava. Ele preparou o time dele como quis e trouxe. Chegando aqui foi derrotado por 4x0. Voltou muito aperreado, muito zangado. Preparou o time novamente e ajeitou e de novo me fez o convite. Eu aceitei. Ele voltou com o time dele. Dessa vez apanhou por 4x2. Então ele zangou-se e foi embora. Ia para Fortaleza e disse que ia acabar com esse time daqui.

Ele era jogador de Fortaleza. Mas o time que estava em boas condições lá era o Ferroviário. O Fluminense Rio esteve lá em Fortaleza e derrotou todos os times de lá, e conseguiu um empate com o Ferroviário. Então o França achou que deveria mandar o Ferroviário e mandou. Enviou um ofício, eu aceitei o convite. Veio o time do Ferroviário para aqui. Então foi um jogo espetacular, porque não dizer o melhor jogo que assisti: BOTAFOGO x FERROVIÁRIO. E foi derrotado por 3x2. O nosso BOTAFOGO jogou seis anos e tanto sem nenhuma derrota. Em dia de jogo do BOTAFOGO, quando saíamos do estádio era como se fosse um carnaval, com a bandeira hasteada e todo mundo a pé fazendo o carnaval. Agora aconteceram alguns empates por conveniência. Mas não perdemos para ninguém durante seis anos e tanto com o BOTAFOGO em meu poder. Depois precisei viajar. Já acabado, doente e arrasado fui obrigado a me retirar para Bahia. Tempos depois houve uma reunião em que compareceram Souto Maior, Dr. Lauro Queiroz, Dr. Ronaldo Queiroz e tantos outros.

Eu também compareci. Fui lá olhar. Quando entrei no salão me deram uma grande salva de palmas. Eu então agradei essa salva de palmas e disse que aceitava sim, grandes e bonitas do BOTAFOGO. Essa reunião que assisti era exatamente porque eles queriam mudar o nome de BOTAFOGO para ESPORTE CLUBE DE PATOS. Eu então não estava de acordo. Ofereci tudo que tinha do BOTAFOGO em minha casa, em meu poder. Até o recibo do mês pago à Federação. Mas eles não aceitaram. Queremos agora o ESPORTE CLUBE DE PATOS, justificaram. “E aí está”



O PRIMEIRO CAMPEONATO DO INTERIOR

Rastreando as fontes bibliográficas que se reportam à evolução futebolística de Patos fomos encontrar no livro de Walfredo Marques, ao qual já nos referimos anteriormente, o registro da participação de uma equipe de Patos no Primeiro Campeonato do Interior. Pela sua importância e o resultado final do certame, fizemos questão de transcrevê-lo na íntegra: "Conforme portaria do Cap. Clodoaldo Fialho, presidente da FPF foi nomeado para o cargo de Diretor do Departamento de Futebol do Interior, o conhecido desportista Edvaldo da Silva Brandão, hoje destacado funcionário da nossa Faculdade de Direito. Visando maior intercâmbio com o hinterland paraibano, organizamos o primeiro Campeonato que recebeu logo o batismo de "Certame Anchises Gomes", como justa e merecida homenagem à memória de um dos maiores desportistas paraibanos,

fundador da LDP, infelizmente falecido em outubro de 1948. Feitas as formalidades necessárias, a FPF marcou o 1º jogo para 20 de novembro de 1949, na cidade de Patos, entre o Botafogo local e o Borborema da cidade de Monteiro. Após as providências recomendadas e sob a direção do Juiz Aluízio Lyra, foi realizado o jogo, vitoriando o quadro local, pelo elevado score de 6x1. No dia 27 do mesmo mês, a equipe de Inocência (o destaque é nosso) fez a segunda partida em Monteiro e ganhou por 3x2, com arbitragem de Neneco. Os demais jogos apresentaram os seguintes resultados: Agrotécnico de Bananeiras 3 Guarabira 1, em Guarabira, Juiz - Batista Cruz; Guarabira 4 Agrotécnico 0, Juiz - Veiga Pessoa; União de Itabaiana 4 América de Ingá 0; - Juiz Antônio Reis; América 2 União 4, Juiz - Antônio Reis; União 4 Guarabira 0, Juiz - Arnaldo Von Shosten; Nacional de Sapé 4 Santa Cruz de Santa Rita 4, - Juiz - Neneco; União de Itabaiana 5 Guarabira 2 -Juiz Lourival Ribeiro. - Em Santa Rita - Santa Rita 2 Nacional de Sapé 1; Juiz - Ubaldo Gaudêncio. - No Cabo Branco: Nacional de Sapé 2 Santa Cruz de Santa Rita 1; Juiz - Franca Neto (Franquinha).

Em Itabaiana: União 5 Nacional 1; Juiz Aluízio Lyra - Nacional 1 União 0, em Sapé; Juiz - Batista Cruz; novamente, Nacional 3 União 2 (terceira partida) no Cabo Branco - Juiz Veiga Pessoa. Em Patos: Botafogo 3 Nacional 0 - Juiz Antônio Reis. Finalmente, em Sapé Nacional 1 Botafogo 1. Esse jogo não chegou a terminar; o Botafogo deixou o gramado e não concordou voltar noutra oportunidade. O Nacional de Sapé foi o Campeão, ficando de posse da taça "Anchises Gomes", certame idealizado e instituído no dia 24 de abril de 1949, segundo aniversário de fundação da FPF".

Interessante que, ao se analisar os resultados deste certame, a única equipe invicta durante todo o campeonato foi o Botafogo de Inocência Oliveira, que representava naquela oportunidade a cidade de Patos. Entretanto, mesmo o Nacional de Sapé tendo sofrido 03 (três) derrotas foi aclamado como Campeão do 1º Campeonato de Futebol do Interior. São coisas do futebol...

Ainda a respeito desse campeonato, o escritor patoense Flávio Sátiro Fernandes relembra que sempre que o Botafogo retornava das memoráveis partidas que realizava por este certame, era recebido pela torcida com muita festa e euforia na entrada da cidade. Inclusive, realizando "carreata", onde muitos automóveis desfilavam com os atletas pelas principais avenidas de Patos.



AS EQUIPES PROFISSIONAIS DO ESPORTE CLUBE DE PATOS

Como foi esclarecido anteriormente, no depoimento de Inocêncio Oliveira, o Esporte Clube de Patos surgiu da vontade de alguns torcedores em criar uma nova entidade esportiva para Patos. Substituindo, assim, o inesquecível Botafogo. Segundo Metódio Leitão, a escolha pelo nome do Esporte Clube de Patos foi uma proposta do Sr. Bivar Olhinto de Mello e Silva que, no setor esportivo, além de jogador foi também juiz de futebol.

O Esporte foi fundado em 07 de julho de 1952 e foram seus fundadores: Inocêncio Oliveira, Sargento Porfírio, Zéu Palmeira, Antônio Araújo, Souto Maior, Dr. Lauro Queiroz, Wilson Nobre, Mozinho Leitão, Francisco Queiroz (Chicão), Medeiros da Chevrolet, Vavá Brandão e Chico. A reunião para criação do time aconteceu nas instalações do antigo Tiro de Guerra 07-152. José Torreão encabeçou a relação dos presidentes do Clube e foi Mané Andrade o seu primeiro técnico.

Nesta reunião, houve outros detalhes interessantes que não aparecem nos textos conhecidos. Ou seja, embora o nome Esporte Clube de Patos tenha sido aceito sem maiores resistências, como no meio dos estavam ali reunidos também havia torcedores do Botafogo do Rio de Janeiro e do Náutico Capibaribe, em determinado momento da reunião, esse grupo informou que o nome Esporte eles aceitava sem problema. No entanto, não poderiam aceitar as cores rubro-negra do Flamengo. Veja é oportuno lembrar que o Botafogo na época juntamente com o Santos de Pelé, eram os dois times brasileiros mais famosos e conhecidos no mundo – O botafogo tinha em seu elenco, dois grandes jogadores “Mané Garrincha”, o maior driblador que o mundo já viu jogar e “Nilton Santos”, o maior lateral esquerdo de todos os tempos do futebol mundial. O Santos tinha nada menos do que Pelé, o maior jogador de todos os tempos. Nessa época, no Brasil e no mundo somente se falava nestes times: o Santos de Pelé e o Botafogo de Garrincha. Isso explica por que muitas pessoas que gostam de futebol e têm idade na faixa dos 60 anos, torcem pelo Botafogo e/ou Santos. Ou seja, a união dos torcedores do Botafogo e de torcedores

do Náutico Capibaribe de Recife, inclusive há uma boatos de que o próprio Zé Palmeira era torcedor do Náutico. Então rejeitaram as cores rubro-negra decidiram adotar as cores alvirrubras para homenagear o Náutico Capibaribe. Portanto, Esporte Clube de Patos é um nome em homenagem ao Sport club do Recife e as cores alvirrubra é uma homenagem ao Clube Náutico Capibaribe do Recife.



O ESPORTE CLUBE DE PATOS NO ANO DA SUA FUNDAÇÃO (1952)

Sobre a criação do Esporte e a sua trajetória, o leitor vai encontrar no texto de Edleuson Franco de Medeiros, intitulado “Esporte tua vez chegou...”, escrito especialmente para a 1ª edição desta obra e que vai reeditado nesta nova publicação, abrindo o capítulo que se reporta ao “Terror do Sertão”

No artigo Edleuson Franco (o Gago), escrito no ano de 1995, o prestigiado locutor esportivo historiou o Esporte nos seus 43 anos de existência. E falou das vitórias, das derrotas, dos craques que pelo time passaram, Das alegrias e das dificuldades enfrentadas pela equipe.

De 1995 aos nossos dias o Esporte continuou na luta, ficou alguns anos fora do Campeonato Paraibano e em 2002 foi rebaixado para a 2ª Divisão. No ano de 2005, deu uma grande alegria a sua persistente e aguerrida torcida, ao conquistar o título máximo da 2ª Divisão do Campeonato Paraibano, o que lhe proporcionou o direito de retornar à elite do futebol da Paraíba.

HISTÓRIAS DO FUTEBOL Dr. Romero Nóbrega (In Memoriam)

A História é uma repetição de fatos. Hoje, mais uma vez, jogará em Patos a mais tradicional das equipes de futebol da Paraíba, talvez do Nordeste, - o famoso Treze de Campina Grande. O adversário será o Nacional. É a luta do Galo, de garra e canto sem ritmo, contra a beleza e melodia sonora do Canário.

Nos idos de 1947, precisamente no mês de maio, o então invencível Treze fazia sua primeira exibição em Patos. Nossa cidade curtia a fase de "ouro" do futebol. Era o tempo do imbatível Botafogo, o alvi-negro de Inocêncio Oliveira. O esquadrão da Praça da Conceição, depois Praça do Ginásio e, atualmente, Praça João Pessoa. Foram-se o Botafogo, e os nomes tradicionais da Praça, restando as histórias de ambos.

Jogo marcado, Treze e Botafogo, a histórica difusora de "Mané Lino", - "com 22 serviços de som instalados nos principais pontos da cidade", - era esse o "comercial" da antiga "Voz das Espinharas", passou meses anunciando a grande partida. A cidade engalanou-se para receber o famoso "Galo da Borborema". Um dia antes do jogo, um sábado, à tardinha, chegava a "sopa" conduzindo o Treze. Por sua sempre fiel torcida, Patos recepcionou a delegação na ponte de São Sebastião. Com banda de música, o cortejo percorreu as ruas da cidade e, no Hotel Central, hospedou-se a delegação galista.

A meninada encheu a Rua Grande, atualmente chamada Avenida Epitácio Pessoa. Todos queriam conhecer o goleador Totota, o endiabrado centroavante Esmeraldo, a técnica de João Luís, o famoso Lula Peixe, a dupla de zagueiros, formada por Martelo e Baleia, era intransponível. Hercílio marcou época como ponta esquerda. O alto e famoso goleiro Djalma chamava a atenção. Este, indo conhecer a Sorveteria Iracema, do mestre Liberato, arrastou uma procissão de torcedores. "Nem ANTÔNIO ARAÚJO faz um gol num goleirão desse", - eram os comentários. Djalma, com fama de intransponível, e ARAÚJO o maior goleador do Nordeste.

A difusora de Mané Lino, de instante em instante anunciava o jogo e dava as escalações das equipes. Zé Soares, na Tipografia Minerva, ultimava a impressão do boletim com a propaganda do grande jogo. O Bar de Chicó, na Rua Felizardo Leite, ponto tradicional do futebol da época, amanheceu de portas abertas, garrafas vazias e boêmios cheios...

As apostas se sucediam. As gavetas do Bar de Chicó estavam abarrotadas, guardando o tesouro dos apostadores. A sapataria de Paizinho guaribava as chuteiras e aprimorava as caneleiras...

O consumo de "Chica Boa", "Aliada" e "Chora na Rampa", famosas cachaças de então, bateu todos os recordes de venda. Na Sorveteria

Iracema, o velho Liberato despachava cervejas em mesas e cadeiras espalhadas na calçada.

As mocinhas da época, abandonaram a novena do mês de maio para fazerem "retreta" defronte ao Hotel Central, arriscando um olho na rapaziada do Treze.

Os pais sacrificavam até a feira da segunda, para assegurar a compra do ingresso, e, a meninada pedia aos pais e padrinhos o dinheiro adiantado do carrossel da Festa de Setembro, tudo para não perder o grande jogo. Até o mascote do Botafogo arranhou camisa nova. A cidade quase não dormiu. O domingo amanheceu brilhante.

A sede do Botafogo, no primeiro andar ao lado do antigo Açougue Público, na atual Praça João Pessoa, não cabia de torcedores. O Presidente Inocêncio Oliveira, não suportando a distância dos seus craques, dormira na própria sede. No pingo do meio-dia, a Rua do Belo Horizonte, hoje Rua Horácio Nóbrega, não cabia o cortejo dos torcedores. Era Patos que se caminhava para o Campo do Estrela, primeira denominação do atual Estádio José Cavalcanti. Na entrada do estádio, os velhos portões de zinco erguiam dois mastros: um com a bandeira branca, listras pretas e estrela solitária do Botafogo. O outro com pendão branco, contorno preto, a figura de um galo, o nome Treze e as iniciais F.C. de Treze Futebol Clube. O vento tremulava as bandeiras e muito mais a alma dos torcedores.

O Caminho de Valdeban, gerente da fábrica CICA, transportou o Botafogo ao local do jogo. O Treze seguiu em sua "sopa" particular. Pela primeira vez Patos viu um roupão olímpico. Elegantemente vestido, sob às vistas de curiosos, os trezeanos chegavam ao estádio. Precisamente às 15 horas, o imortal Bivar Olinto, árbitro de categoria reconhecida, apitava convidando as equipes para adentrarem ao campo.

A cerca de arame quase se rompe, quando, o Botafogo, correndo atingia o centro do Campo do Estrela. Com o Treze, a vaia não foi pequena. O futebol sempre foi assim: irreverente, até com os visitantes. "Seu Enoque", único fotógrafo da cidade, com sua KODAK, immortalizou as fotos.

Iniciado o jogo, as equipes se estudando e, de repente o indiabrado ANTÔNIO ARAÚJO abre o escore. O campo quase vem abaixo. Era a explosão da torcida. Minutos depois o Treze empata e desempatada. O primeiro tempo termina 3 a 3.

Após a água da quartinha e laranja azeda, voltam as equipes ao campo. No final, vitória do Botafogo por 6 a 5, após emocionante empate de 5 a 5. Araújo deixou sua marca de artilheiro, fez dois gols. Josias faturou também dois gols, sendo um de bicicleta. Manoel de Ferro e Ruivo completaram o placar. O Botafogo foi com sua força máxima: no gol, Severino Maxixe, nosso ex-delegado de trânsito; na zaga com Uraí e Biu Porto, este substituído depois por Félix Pacaia; a intermediária formou com Aderson, Totinha, verdadeiro Danilo na posição e Zé Bom de lateral esquerdo; o

ataque era irresistível: Mané de Ferro na ponta direita, Josias como meia armador, o grande ARAÚJO, centroavante, Ruivo, que tinha um canhão no pé, na meia ponta de lança e Zuca ponteiro esquerdo. O técnico, importado do Ceará era França, primeiro orientador de futebol que andou por terras das Espinharas.

Findo o jogo, vitória do Botafogo, houve carnaval nas ruas. Era nos tempos dos quintais, com galinheiros nos muros, daí os jantares festivos com "galo" no dia da memorável vitória...

Para o Botafogo perdeu não apenas o Treze, mas, o Santa Cruz do Recife, o Ferroviário de Fortaleza, todas as equipes de João Pessoa, inclusive o Filipéia, que levou de 6 a 1, afora todas as equipes da região, também derrotadas no velho Campo do Estrela. Os craques do inesquecível Botafogo de Patos brilharam no cenário esportivo nacional.

Félix e Uraí, transferiram-se para o próprio Treze. Totinha e Josias chegaram ao Madureira do Rio. Ruivo, após temporada no Treze, jogou no Recife e Bahia. Mané de Ferro na Seleção Cearense e no Ceará Sporting, e ARAÚJO, o maior craque da história de Patos, brilhou na Seleção Paraibana, no Treze, no Santa Cruz e campeão pelo Esquadrão de Aço, o famoso Bahia de Salvador.

O BOTAFOGO DE INOCÊNCIO OLIVEIRA, com destaque para o craque Antônio Araújo.

Bangalô que ficava vizinho ao Campo do Estrela e que pertencia ao marchante João Nicácio.

O ÁLBUM DO FUTEBOL

